

O que é e como se vive o desprendimento?

No Evangelho de São Lucas, lê-se: «Depois disse a outro: “Segue-Me”. Ele respondeu: “Senhor, deixa-me ir primeiro sepultar meu pai”. Disse-lhe Jesus: “Deixa que os mortos sepultem os seus mortos; tu, vai anunciar o reino de Deus”. Disse-Lhe ainda outro: “Seguir-Te-ei, Senhor; mas deixa-me ir primeiro despedir-me da minha família”. Jesus respondeu-lhe: “Quem tiver lançado as mãos ao arado e olhar para trás não serve para o reino de Deus”».

08/12/2025

No Evangelho de São Lucas, lê-se: «Depois disse a outro: “Segue-Me”. Ele respondeu: “Senhor, deixa-me ir primeiro sepultar meu pai”. Disse-lhe Jesus: “Deixa que os mortos sepultem os seus mortos; tu, vai anunciar o reino de Deus”. Disse-Lhe ainda outro: “Seguir-Te-ei, Senhor; mas deixa-me ir primeiro despedir-me da minha família”. Jesus respondeu-lhe: “Quem tiver lançado as mãos ao arado e olhar para trás não serve para o reino de Deus”».

Tomámos da homilia de São Josemaria «Desprendimento», publicada em «Amigos de Deus», alguns textos para meditar sobre esta virtude.

Pode-se dizer que Nosso Senhor, perante a missão recebida do Pai, vive o dia-a-dia, tal como aconselhava num dos ensinamentos mais sugestivos que saíram da sua boca divina: «não vos preocupeis, quanto à vossa vida, com o que haveis de comer nem, quanto ao vosso corpo, com o que haveis de vestir, pois a vida é mais que o alimento e o corpo mais que o vestuário. Reparai nos corvos: não semeiam nem colhem, não têm despensa nem celeiro, e Deus sustenta-os. Quanto mais valeis vós do que as aves!... Reparai nos lírios, como crescem! Não trabalham nem fiam. Pois eu digo-vos: nem Salomão, em toda a sua magnificência, se vestiu como um deles. Se Deus veste assim a erva que hoje está no campo e amanhã é lançada no fogo, quanto mais a vós, homens de pouca fé?».

Senhores da Criação

Se vivêssemos mais confiados na Providência divina, seguros – com fé firme – desta proteção diária que nunca nos falta, quantas preocupações ou inquietações pouparíamos a nós próprios. Desapareceriam muitos desassossegos que, segundo palavras de Jesus, são próprios dos pagãos, *dos homens do mundo*, das pessoas que carecem de sentido sobrenatural.

Quereria, em confiança de amigo, de sacerdote, de pai, trazer-vos à memória em cada circunstância, que nós, pela misericórdia de Deus, somos filhos desse Pai-Nosso, todo-poderoso, que está nos Céus e, ao mesmo tempo, na intimidade dos nossos corações. Quereria gravar a fogo nas vossas mentes que temos todos os motivos para caminhar com otimismo nesta terra, com a alma bem desprendida dessas coisas que parecem imprescindíveis, *pois bem sabe o vosso Pai que tendes*

necessidade delas. E Ele providenciará.

Crede que só assim nos portaremos como senhores da Criação e evitaremos a triste escravidão em que tantos caem, porque esquecem a sua condição de filhos de Deus, preocupados com um amanhã ou um depois que talvez nem sequer cheguem a ver.

“A minha experiência pessoal”

Permiti que, mais uma vez, vos manifeste uma *pequena parte* da minha experiência pessoal. Abro-vos a minha alma na presença de Deus, com a certeza mais absoluta de que não sou modelo de nada, de que sou um farrapo, um pobre instrumento – surdo e inapto – que o Senhor utilizou para que se comprove, com mais evidência, que Ele escreve perfeitamente com a perna de uma mesa.

Portanto, ao falar-vos de mim, não me passa pela cabeça, nem de longe, o pensamento de que na minha atuação haja algum mérito meu; e muito menos pretendo impor-vos o caminho por onde o Senhor me levou, até porque pode suceder muito bem que o Mestre não vos peça o que tanto me ajudou a trabalhar sem impedimento nesta Obra de Deus a que dediquei toda a minha existência.

Asseguro-vos – toquei-o com as minhas mãos, contemplei-o com os meus olhos – que, se confiardes na divina Providência, se vos abandonardes nos seus braços onnipotentes, nunca vos faltarão os meios para servir a Deus, à Santa Igreja, às almas, sem descuidar nenhum dos vossos deveres. E, além disso, gozareis de uma alegria e de uma paz que *mundus dare non potest*, que a posse de todos os bens da terra não pode dar.

Desde os começos do Opus Dei, em 1928, além de que não contava com nenhum recurso humano, nunca utilizei pessoalmente um cêntimo sequer. Tão-pouco intervimos diretamente nos assuntos económicos que logicamente surgem ao realizar qualquer tarefa em que participam criaturas – homens de carne e osso, e não anjos – que precisam de instrumentos materiais para desenvolver eficazmente o seu trabalho apostólico.

O Opus Dei precisou e penso que precisará sempre, até ao fim dos tempos, da colaboração generosa de muitos para sustentar as obras apostólicas: por um lado, porque essas atividades nunca são rentáveis; por outro, porque ainda que aumentem o número dos que cooperam e o trabalho dos meus filhos, se há amor de Deus, o apostolado desenvolve-se e as necessidades multiplicam-se.

Por isso, em mais de uma ocasião, fiz rir os meus filhos, pois enquanto os impulsionava com fortaleza a corresponderem fielmente à graça de Deus, animava-os a dirigirem-se descaradamente ao Senhor, pedindo-lhe mais graça e o dinheiro, de contado, que nos faltava.

Operários, mecânicos, universitários...

Nos primeiros anos, faltava-nos até o mais indispensável. Atraídos pelo fogo de Deus, vinham ter comigo operários, mecânicos, universitários... que ignoravam o aperto e a indigência em que nos encontrávamos, porque no Opus Dei, com o auxílio do Céu, sempre procurámos trabalhar de maneira que o sacrifício e a oração fossem abundantes e escondidos.

Ao rememorar agora aquela época, brota do coração uma ação de graças rendida. Que segurança havia nas

nossas almas! Sabíamos que, procurando o reino de Deus e a sua justiça, o resto ser-nos-ia concedido por acréscimo. E posso garantir-vos que não deixou de realizar-se nenhuma iniciativa apostólica por falta de recursos materiais. No momento preciso, de uma forma ou doutra, o nosso Pai Deus com a sua Providência ordinária facilitava-nos o que era necessário, para que víssemos que Ele é sempre *bom pagador*.

Se quereis atuar sempre como senhores de vós próprios, aconselho-vos a pordes um empenho muito grande em estar desprendidos de tudo, sem medo, sem temores nem receios. Depois, ao cuidar de cumprir as vossas obrigações pessoais, familiares..., empregai os meios terrenos honestos com retidão, pensando no serviço a Deus, à Igreja, aos vossos, ao vosso trabalho

profissional, ao vosso país, à humanidade inteira.

Reparai que o importante não se concretiza na materialidade de possuir isto ou de carecer daquilo, mas sim em nos conduzirmos de acordo com a verdade que a nossa fé cristã nos ensina: os bens criados são apenas meios. Portanto, afastai a ilusão de considerá-los como algo definitivo: «não acumuleis tesouros na terra, onde a ferrugem e a traça os corroem e os ladrões os desenterram e furtam. Acumulai tesouros no Céu, onde nem a traça nem a ferrugem os corroem e onde os ladrões não os descobrem nem furtam. Pois onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração».

Quando alguém centra a sua felicidade exclusivamente nas coisas terrenas – fui testemunha de verdadeiras tragédias – perverte o seu uso razoável e destrói a ordem

sabiamente disposta pelo Criador. O coração fica então triste e insatisfeito; mete-se por caminhos de um eterno descontentamento e acaba escravizado já na terra, vítima desses mesmos bens, que talvez tenham sido conseguidos à custa de renúncias e esforços sem conta.

Onde Deus não cabe

Mas, sobretudo, recomendo-vos que não esqueçais que Deus não cabe, não habita num coração enlameado por um amor desordenado, grosseiro, vão. «Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas. Prendamos, pois, o coração no amor capaz de nos fazer felizes... Desejemos os tesouros do Céu».

Não te estou a induzir a um abandono no cumprimento dos teus deveres ou na exigência dos teus

direitos. Pelo contrário, para cada um de nós, habitualmente, uma retirada nessa frente equivale a desertarmos covardemente da luta para sermos santos, à qual Deus nos chamou.

Por isso, com segurança de consciência, há de pôr empenho – especialmente no teu trabalho – para que nem a ti nem aos teus falte o conveniente para viver com dignidade cristã. Se em algum momento, experimentares na tua carne o peso da indigência, não te entristeças nem te revoltes; mas, insisto, procura empregar todos os recursos nobres para superar essa situação, porque atuar de outra maneira seria tentar a Deus.

E enquanto lutas, lembra-te de que *omnia in bonum!*, tudo – também a escassez, a pobreza – coopera para o bem dos que amam o Senhor. Habitua-te, desde já, a enfrentar com

alegria as pequenas limitações, as incomodidades, o frio, o calor, a privação de algo que consideras imprescindível, o facto de não poderes descansar quando e como queres, a fome, a solidão, a ingratidão, a incompreensão, a desonra...

Aliviar as cargas dos outros

Somos homens da rua, cristãos correntes, metidos na corrente circulatória da sociedade e o Senhor quer-nos santos, apostólicos, precisamente no nosso trabalho profissional, isto é, santificando-nos nesse trabalho, santificando esse trabalho e ajudando os outros a santificarem-se com esse trabalho.

Convençei-vos de que Deus vos espera nesse ambiente, com solicitude de Pai, de Amigo. Pensai que com a vossa atividade profissional realizada com responsabilidade, além de vos

sustentardes economicamente,
prestais um serviço diretíssimo ao
desenvolvimento da sociedade,
aliviais as cargas dos outros e ajudais
a manter muitas obras assistenciais –
a nível local e universal – em prol
dos indivíduos e dos povos mais
desfavorecidos.

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
opusdei.org/pt-pt/article/o-que-e-e-
como-se-vive-o-desprendimento/](https://opusdei.org/pt-pt/article/o-que-e-e-como-se-vive-o-desprendimento/)
(01/04/2026)